

LONDRINA

# Copel abandona vila com 22 imóveis

Casas que abrigaram durante 14 anos funcionários da Usina Hidrelétrica de Apucarantina estão sendo depredadas

Adriana De Cunto

A poucos metros de um dos locais mais bonitos da região de Londrina, o Salto Apucarantina, na reserva indígena do distrito de Tamarana, uma pequena vila da Copel (Companhia Paranaense de Energia Elétrica), abandonada há três meses, virou alvo de atos de vandalismo e está se deteriorando. Ao todo são 22 construções, distribuídas por uma rua recoberta com pedriscos, que durante 14 anos abrigou as famílias dos funcionários da usina hidrelétrica de Apucarantina. A vila tem 18 casas de alvenaria com 50 metros quadrados divididos em sete cômodos, escola com parque de diversões, salão de festas, igreja e cancha de esportes. Coincidentemente, a diretoria da Copel anunciou ontem que vai decidir hoje o destino dos imóveis.

Muitas casas já não têm mais tanque de lavar roupa, louças sanitárias ou vidros nas janelas. Grande parte da fiação e lâmpadas também foram roubados, as paredes pichadas e o mato toma conta dos quintais. A água e a luz elétrica estão cortadas. Funcionários da Funai (Fundação Nacional do Índio) contam que os antigos moradores tinham interfone nas casas e a Copel dispunha até de um ônibus que trazia diariamente os estudantes da vila para Londrina.

Os índios acusam moradores de sítios e fazendas próximas de saquearem a vila. Na tentativa de conter a depredação dos imóveis,



Abandonada há três meses, a vila construída na reserva indígena de Tamarana virou alvo de vandalismo

o cacique da reserva de Apucarantina, Ataíde Marcolino, instalou há 15 dias uma família numa das residências. Ele tem esperança que a Copel autorize a transferência de algumas famílias para aquele local.

Segundo o assessor de imprensa do escritório regional da Copel, Salvador Francisco, a inten-

ção da companhia é desmanchar as casas e doar o material de construção para a reserva. Ele explica que o local onde as residências estão instaladas é área operacional da Copel. "Nós pagamos aluguel para os índios", irisa. Francisco comenta que a atual política da empresa é desativar as vilas residenciais das pequenas

usinas.

O administrador regional da Funai, Wlamir Antônio da Silva, acredita que a melhor solução para o problema seja o repasse do material para os índios. "Nossa proposta é que a Copel arque com os custos de desmanchar e reconstruir as casas perto da sede da reserva", informa.

## Índios exigem reparo de pontes

O cacique Ataíde Marcolino, da reserva indígena Apucarantina, quer proibir, a partir de hoje, que os funcionários da Copel utilizem a estrada principal da reserva para chegarem até a usina hidrelétrica. A medida, segundo ele, será tomada para pressionar a companhia a apressar os reparos em duas pontes de madeira construídas pela Copel dentro da reserva e que estão muito danificadas. Numa das pontes o tráfego foi interrompido há um ano, enquanto a outra está intransitável há oito meses.

Ataíde Marcolino pretende fazer uma barreira no local. Ele reclama que há pouco tempo duas meninas caíram no rio ao tentar atravessar uma das pontes e só não aconteceu uma tragédia porque foram socorridas a tempo. O assessor de imprensa da Copel, Salvador Francisco, diz que a idéia é fazer a reforma utilizando mão-de-obra da prefeitura de Londrina. Ele afirma que a companhia enviou, há dois meses, documento para oficializar o convênio, mas até agora não recebeu resposta. A Folha procurou ontem a socióloga da prefeitura, Marelene de Oliveira, mas ela não retornou o telefonema.